

# Os intelectuais e sua produtividade

Solange Puntel Mostafa  
Eduardo Ismael Murguia Maranon

Quem são os intelectuais e o que fazem esses seres de luz?

Uns acham que intelectuais são só os estudiosos das universidades. O sociólogo K. Mannheim, por exemplo, além de entender que intelectuais são os iluminados pela educação/instrução, também acha que os intelectuais, para serem intelectuais, precisam estar acima da sociedade, de onde eles fariam a síntese de todos os pontos de vista presentes na sociedade<sup>1</sup>, como os políticos no palanque.

Outros, graças a Deus, entendem que intelectuais somos todos nós, os transeuntes das praças, das filas e das fábricas. Nem tanto pelo jeito de andar ou de se vestir, mas pela capacidade de dar direção à caminhada. Só os homens são intelectuais. Marx explicou isto contrapondo o pior arquiteto com a mais hábil das aranhas. O projeto: a antecipação. "A antipresença muito humana da coisa"<sup>2</sup>. Gramsci foi categórico: todos os homens são intelectuais. Há, porém, graus de intelectoção; alguns trabalhos são mais intelectuais que outros.

A questão central, porém, não é o maior ou menor uso da razão. A questão é como orientar a razão para que ela participe da luta de classes de modo a eliminar as classes. Como fazer para que a razão organize a luta, organizando a classe?

É claro que, em primeiro lugar, é preciso admitir as classes sociais como constitutivas da sociedade, isto é, não existe sociedade sem classes sociais; é preciso também admitir que as classes estão em luta e que elas não existem fora da luta. Aliás, a própria existência das classes sociais já é a expressão da luta social travada entre os homens. Há classes, porque há interesses divergentes. Esses interesses não são meramente "pontos de vista", como propõe a sociologia weberiana de Mannheim. São interesses concretos de propriedade e poder político. Negar as classes sociais é negar a sociedade. "Falar que não existe direita/esquerda é dizer que não existe sociedade e que o que existe é a comunidade [comum unidade]. Nada mais arcaico do que isso, já que a marca da comunidade é ser una, indivisa, contínua, auto-referenciada e auto-espe-lhada nos seus dirigentes"<sup>3</sup>.

Sociedade, é, pois, luta de classes. Se assim é, a *intelligensia* expressa os interesses das classes em luta, sejam as classes dominantes, sejam as classes dominadas. Não há, no palco iluminado mannheiniiano, lugar para inteligências desvinculadas ou inteligências sem vínculos, como ficou conhecida a expressão do grande sociólogo alemão, pois todo e qualquer trabalhador, no modo de produção capitalista (e o intelectual é também um trabalhador), trabalha segundo uma organização capitalista da produção social (como o trabalhador do modo de produção feudal trabalha segundo uma organização feudal da produção social).

O que podemos discutir são as modificações, dentro de cada modo de produção, dos processos e tecnologias de trabalho. Hoje, por exemplo, a nossa economia de final de século e as bases de acumulação de riqueza são muito diferentes daquelas de 100 anos atrás. As estratégias de acumulação mudaram, mas a lógica do capital é a mesma, pois se trata de um mesmo modo de produção. O capitalista da época de Marx não existe mais, nem o trabalhador. O próprio capital também se modificou.

As classes sociais passaram também por reestruturações. Mesmo a propriedade, hoje, para ser privada, precisa também ser pública (financiamento estatal). Tudo isso é real. Nada permite, porém, cair no idealismo dos "pontos de vista" fora de uma visão de classe, porque as classes são constitutivas do social. Sair delas é, de fato, sair do social, como Robinson Crusoe, imortalizado por Marx em sua ilha ensolarada<sup>4</sup>.

Se Marx tivesse conhecido a obra de Mannheim, teria dito que Mannheim fez "experimentos robinsonianos" com a *intelligensia* desvinculada. Isso, porque para Mannheim os intelectuais formam uma classe à parte e acima da sociedade, guardando desta certo distanciamento, condição necessária para a inteligência realizar a sua grande tarefa, que é sintetizar vários pontos de vista entre diferentes grupos sociais, pontos esses que, por serem "pontos", são pontuais, parciais e fragmentados, no sentido em que cada ponto de vista recobre uma parcela limitada da realidade.

## Resumo

*Analisa o papel dos intelectuais na perspectiva de uma sociologia da ciência. O crescimento exponencial e a saturação são recolocados como fenômenos burocráticos da pós-modernidade. A pós-modernidade é enfocada principalmente nos seus aspectos infra-estruturais de produção, circulação e consumo.*

## Palavras-chave

*Produtividade; Pós-modernidade; Sociologia da Ciência; Intelectuais.*

Os intelectuais, por estarem acima destes pontos, teriam, na visão mannheimiana, um ponto de vista mais amplo, capaz de sintetizar todos os demais. Mannheim não nega a divergência de interesses, até de propriedade. Como os marxistas, reconhece que a posição social do cientista condiciona a sua perspectiva<sup>5</sup>. Mas uma vez no palanque, adeus às origens.

No fundo está em jogo a velha estória da verdade. A verdade existe? A verdade é relativa? Existe conhecimento objetivo? Perguntas que são centrais na filosofia; tão centrais, que elas são a própria história da filosofia, ou, se preferirem, toda a filosofia da história. É impossível, portanto, fazer teoria do conhecimento sem história: o conhecimento é a expressão de momentos históricos precisos. Schaff responde a essas questões em *História e verdade*, em um texto típico de filosofia da história<sup>6</sup>.

Caso queiram respostas idealistas, a lista vai de Platão a Popper, passando até pelo relativismo absoluto da psicanálise em que tudo é relativo, existindo apenas a verdade de cada um. Schaff<sup>6</sup>, Lowy<sup>5</sup> e Caviani<sup>7</sup> já preferem responder a essas questões com a categoria das classes sociais. Mannheim fica no meio: ele não cai no indivíduo até porque faz sociologia e é próprio da sociologia analisar fenômenos humanos como sociais, isto é, grupais. Aí está o problema: o grupo. Grupos não são classes sociais. A categoria classes vai além de grupo, comunidade, agrupamento ou coletividade.

Para Gramsci, os intelectuais não formam uma classe homogênea à parte; ao contrário, cada classe fundamental (e aí é preciso discutir quais são as classes fundamentais do modo de produção capitalista do final do século XX), gera os seus representantes. Os intelectuais são gerados no interior de cada classe e com ela mantêm uma relação orgânica (de organizador). "O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo e pelo artista... No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual. O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas em um imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente, já que não apenas orador puro – e superior, todavia, ao espírito matemático abstrato, da técnica-trabalho, eleva-se à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual se permanece especialista, e não se chega a dirigente (especialista mais político)"<sup>8</sup>.

Por aí se vê que Gramsci alargou enormemente o conceito de intelectual, não mais se limitando ao protótipo dos grandes pensadores, filósofos e cientistas. O artista, o político, o cientista, o técnico, o empresário, o professor, o bibliotecário, o apresentador de TV, o padre, o pastor, o trabalhador de fábrica e o líder sindical, todos, por intermédio da palavra, das imagens e das idéias, exercem uma função intelectual, enquanto organizadores das classes sociais a que pertencem (por origem ou adesão).

A análise de Gramsci é importante para os estudos de produtividade, até porque ele reconhece a especificidade do trabalho intelectual. Há trabalhos mais intelectuais que outros. Em um extremo estão os criadores de ciência, filosofia, arte e religião; no outro extremo, estão os difusores da cultura elaborada. Há, portanto, graus legítimos na cadeia que vai da criação à difusão, em todas as áreas, seja na ciência, seja na mídia. Há cientistas que põem verdades novas, e há os mais normais do paradigma estabelecido. Na TV, há o repórter que redige os seus comentários e há os que apenas lêem a notícia.

Nada disso, porém, pode ser analisado de fora ou longe do movimento das classes sociais. Gramsci<sup>9</sup> já dizia que analisar os intelectuais apenas com o critério do uso da razão era o "erro metodológico mais difundido até então" (ele escreve na década de 30). O critério para análise deveria estar na relação do intelectual com as relações sociais. Mannheim tem razão apenas em um ponto: a condição de intelectual implica um certo afastamento das origens (papel da teoria em relação à prática). O afastamento, entretanto, não é nunca afastamento da classe social, mas, sim, o afastamento da acriticidade presente no senso comum. Aí a ênfase é colocada na função sócias e política do intelectual, sem que com isso se desconsidere a especificidade do seu trabalho, que é a produção de bens culturais.

Interpretado com as categorias de Gramsci, a sociologia weberiana de Mannheim ficaria assim: o relativo afastamento do intelectual facilita que ele organize as massas a ascender à consciência filosófica, a qual pressupõe o afastamento do senso comum. O intelectual da classe dominante também precisa do afastamento das suas elites para elaborar a ideologia dominante e depois difundi-la.

Para exercer a função intelectual, o sujeito deve ser, além de um ideólogo, um organizador, um educador e um homogeneizador da consciência de classe a qual está organicamente ligado. Não basta ser especialista, para ser um intelectual. É ne-

cessário, ao mesmo tempo, ser político. Mas, política entendida como prática pedagógica e organizativa (a concepção do político mereceu um texto de Saviani, tal a confusão que o politicismo gerou entre os educadores)<sup>10</sup>.

Parece-nos fundamental esse ponto no pensamento de Gramsci: o novo intelectual, o intelectual das novas relações industriais modernas, é superior ao orador eloquente e superior ao espírito matemático abstrato; não é só um técnico, mas um técnico-científico. Técnica-ciência que deve estar ligada a uma concepção humanista histórica, sem a qual se permanece especialista, e não se chega a dirigente (especialista mais político).

Vai aí se descortinando a riqueza do pensamento gramsciano. Especialmente para os estudiosos de produtividade científica. "Produção científica", antes de mais nada, é produção intelectual. Essa constatação, trazida na fala de um pesquisador do estudo de produtividade de Moraes<sup>11</sup>, teve para nós o efeito-eureka. A filosofia e a sociologia são áreas centenárias e muito bem consolidadas. A ciência da informação é que é novíssima, a mais pós-moderna das ciências. Por isso, é preciso construir suportes, passagens, ruas, avenidas, pontes e viadutos, através dos quais se possa fazer a filosofia da ciência da informação, ou a sua sociologia, pois o saber é antigo. Dele, fazem-se até arqueologias.

## ONDE ESTÃO NOSSOS INTELECTUAIS?

A pergunta é de Jacoby<sup>2</sup>, mas dela nos apropriamos sem aspas. Para concordar e para discordar do autor. Após a II Guerra Mundial, viramos, na compreensão do autor, apenas especialistas, pesquisadores ou cientistas.

Jacoby lamenta o desaparecimento dos intelectuais norte-americanos das primeiras décadas do nosso século e a sua sumária transformação (nesta geração) em acadêmicos assalariados e despolitizados. "O ambiente, os hábitos e a linguagem dos intelectuais não necessitam ou desejam um público mais amplo; quase todos são apenas professores. Os campi são seus lugares; os colegas, sua audiência; as monografias e os periódicos especializados, seu meio de comunicação. Ao contrário dos intelectuais do passado, eles se situam dentro de especialidades e disciplinas por uma boa razão. Seus empregos, carreiras e salários dependem da avaliação de especialistas, e esta dependência afeta as questões levantadas e a linguagem empregada"<sup>13</sup>.

Jacoby pergunta, então, pelos intelectuais públicos: onde estão os debatedores generalistas com domínio do vernáculo (não do jargão), essa linguagem pública de comunicação? Onde estão os homens das letras que falavam para um público educado? Como ele analisa a intelectualidade americana, ele pergunta por réplicas de Macluhan, Wright Mills, Kenneth Galbraith ou William Dewey. Onde está a gente do porte desses intelectuais do passado? O que temos hoje são "mil sociólogos radicais, mas nenhum Mills; trezentos teóricos literários críticos, mas nenhum Wilson; grande quantidade de economistas marxistas, mas nenhum Sweezy ou Braverman; abundância de críticos urbanos, mas nenhum Mumford ou Jacobs"<sup>14</sup>.

Cabisbaixo, triste e decepcionado, o autor responde à sua própria pergunta: os intelectuais viraram pesquisadores! Onde estão? Estão nas instituições, preocupados com os *papers* e com a carreira docente. Afastados do grande público.

É claro que Jacoby, assim procedendo, é também ele mais um dos últimos românticos, porque quer de volta o intelectual que Gramsci chamou de "tradicional", já que "orador puro", cuja "eloquência é motor exterior e momentâneo dos afetos e paixões".

Tradicional era, no capitalismo da época de Gramsci, o intelectual no exercício de certas profissões, como advogados, tabeliães, médicos, padres e políticos, os quais freqüentavam o mundo rural/camponês imbuídos do patrimônio espiritual da humanidade, em uma clara relação paternalista com as classes rurais. Representavam, por isso, as classes proprietárias latifundiárias.

Já o orgânico é moderno, porque moderna são as novas relações sociais capitalistas que fazem aparecer novas forças produtivas ligadas às burguesias urbanas ascendentes.

Aí estão os intelectuais, políticos, jornalistas, técnicos, empresários e militares ligados às novas funções econômicas. Orgânicos somos todos nós os intelectuais das sociedades de classes. Organizamo-nos sentimentalmente com as massas ou com as elites. Estabelecemos "nexos sentimentais", como diz Gramsci, de maneira que, se estamos organicamente ligados às classes populares "subalternas", de nada nos adianta falar para "um público educado" e seletos como quer Jacoby. Isto fará o orgânico das classes dominantes. Tampouco nos compete ir ao povo, sem as mediações institucionais, porque aí, "minha gente", o populismo graça. O intelectual populista, dizia Trótski, vai ao povo com

roupa de baixo suja, sem pente e sem escova de dentes – donde a alegoria do intelectual que gosta de miséria.

É tradicional, portanto, a concepção que Jacoby tem dos intelectuais. Mas é acertadíssima a análise que ele faz do academicismo; por isso perguntamos com ele: onde estão nossos intelectuais? A primeira grande contradição no papel dos intelectuais da universidade é a sua organicidade, ao mesmo tempo negada e afirmada. Negada, quando a ciência desenvolve o mito do cientista no laboratório, todo de branco com seu bonezinho. Especialista, apenas especialista. Ser especial, estar por cima da sociedade, é também uma posição orgânica que reforça uma estrutura de poder, pois a luta de classes está presente também no interior das universidades sob a forma de "batalha de idéias", na execução de projetos de transformação ou de conservação das relações sociais<sup>15</sup>.

É verdade que o crescimento da ciência e a sua institucionalização (fenômeno que se convencionou chamar de *Big Science*, após a obra de Solla Price) é condição e resultado da mundialização da economia. Nem é por acaso que as análises de Price apontam o início do crescimento da ciência no século XVII<sup>16</sup>.

A rigor, a mundialização da economia e, portanto, da ciência, das artes e da cultura geral inicia o seu processo já na época das grandes navegações no século XV. "Navegar é preciso: viver não é preciso". Hoje é fácil falarmos em globalização, sociedade global, aldeia global ou rede globo, pois, como disse Marx, a anatomia do homem fornece a chave para a anatomia do macaco: ficou por demais evidente a essência intrinsecamente globalizante do capital e das relações sociais que lhe dão sustentação.

Todo modo de produção é a um só tempo material e espiritual. O desenvolvimento do modo de produção capitalista separa o Estado da sociedade civil e mesmo da Igreja. O Estado capitalista já não mais impõe uma religião ou uma visão de mundo como o Estado feudal medieval. É a laicização do Estado ou secularização. Desenvolve-se, então, todo um corpo de organizações culturais fora do âmbito do Estado. Gramsci chamou esses organismos de privados, em oposição ao público, que é o Estado. "Aparelhos Ideológicos do Estado, cuja função precípua seria a de reproduzir a ideologia dominante"<sup>17</sup>. Hoje, sabemos que aparelhos sim. Ideológicos, também. Mas ideologia entendida como produtora de uma nova ordem e passível de ser elaborada por qualquer classe social fundamental.

Assim, o jornal, a editora, o partido político, as academias, as associações de classe, a escola, a universidade, as bibliotecas são todos "aparelhos privados de hegemonia", cuja função no mundo moderno (capitalista) é elaborar e difundir ideologias, essas práticas materiais. Como? Por intermédio dos seus intelectuais. No mundo de produção capitalista, os intelectuais já não são mais funcionários diretos do Estado, mas são funcionários de "todo o conjunto das superestruturas. Foram elaboradas, pelo sistema social democrático burguês, imponentes massas de intelectuais, nem todas justificadas pelas necessidades sociais da produção, ainda que justificadas pelas necessidades políticas do grupo fundamental dominante"<sup>18</sup>.

O intelectual acadêmico, hoje, está em todos os lugares (ao contrário do que crê Jacoby): na TV, no jornal, no *paper*, nas empresas estatais, nos organismos internacionais, nos convênios, apesar de o público dos intelectuais acadêmicos ser, agora como dantes, um público restrito.

O intelectual orgânico, hoje, tem de ser referido ao cosmopolitismo, pois "forma-se toda uma numerosa e complexa categoria de intelectuais cosmopolitas atuando desde as universidades, centros e institutos de ensino e pesquisa, além de atuarem também a partir de empresas privadas e organizações públicas operando em escala mundial. São intelectuais orgânicos do cosmopolitismo, da economia política da sociedade global. Expressam algumas das possibilidades mais avançadas dos objetivos, interesses, tarefas de países dominantes, associados e dependentes, empresas nacionais e transnacionais, organizações públicas multilaterais. Em vários casos, apresentam-se como heróis civilizatórios deslocados de qualquer vínculo nacional, político, econômico, social, cultural ou outro. São uma das expressões mais exacerbadas da desterritorialização. Tecem a idéia de mundo com base nas possibilidades da razão instrumental. Multiplicam-se as instituições, acadêmicas ou não, públicas e privadas, nas quais se preparam intelectuais de todos os níveis, em diferentes especialidades, com sofisticado treinamento destinado à tarefa da internacionalização"<sup>19</sup>.

As décadas de 60 e 70 marcaram a institucionalização dos intelectuais no mundo ocidental. *Os intelectuais e a política no Brasil* é uma análise recente dando conta do mesmo fenômeno no país<sup>20</sup>.

A ciência da informação trabalha com a produtividade, entendendo-a não como produção intelectual, mas como produção especializada. Ficam, portanto, descontextualizadas as análises e absurda-

mente despolitizadas. A sociologia e a filosofia não entendem a produção intelectual como produção científica na ótica da ciëntometria; elas preferem análises qualitativas e sociológicas como fazem Ianni<sup>21,22</sup>, Pecaüt<sup>20</sup> e Gonzales<sup>23</sup>. Daí o impasse: o político não se mistura com o científico e vice-versa.

Já o americano Jacoby analisa os últimos intelectuais americanos, mas, como ele é o último dos românticos, cai também no idealismo de considerar as formas de transmissão cultural do passado mais públicas do que as atuais. A própria cultura do começo do século é vista por ele como mais pública. ("Será possível que todo o mecanismo de transmissão da cultura tenha se modificado? Que ele não seja mais público como era outrora, mas atualmente ocorra invisivelmente nas salas de aula das universidades e nas leituras exigidas?"<sup>24</sup>).

Ora, não é verdade que outrora tudo se dava em público. A cultura pública, agora como dantes, é espaço de negociação na luta de classes. Jacoby acerta na crítica ao academicismo, mas é romântico ao idealizar nomes do passado. Há milhares de nomes no presente, porque não é o caso de citá-los; o romantismo e a ciëntometria é que fazem a análise das citações; o romantismo, porque enaltece o indivíduo, o **único** (ver romantismo alemão do século passado), e a ciëntometria, porque trabalha só com os indicadores, e não com os pontos de vista (a epistemologia trata dos pontos de vista); daí que a ciëntometria necessita dos nomes e títulos da ciência. O materialista histórico, ao invés de nomes, prefere o veio da classe social, inscrevendo nela o movimento cultural.

Na "ampla circulação das idéias" e na "intensa movimentação das pessoas" exigidas hoje na globalização, a queixa dos conservadores merece reparos. Muitos conservadores (Jacoby entre eles) se lamentam com o declínio e morte dos intelectuais. *The decline of the intellectuals* foi tema e título de muitos livros. Questionam esses conservadores os especialismos e as especialidades das instituições acadêmicas. Questionam, ao final de contas, a *Big Science* tão cara a Price. Em um certo sentido, os conservadores são saudosista da *Little Science*, como se esta tivesse sido mais democrática ou pública que a ciência institucional de hoje.

## PRODUTIVIDADE COMO FENÔMENO BUROCRÁTICO

Com efeito, a burocracia nasce na produção. Produção é consumo (distribuição e consumo).

Produção é a racionalidade do processo de produção. Seja na fábrica, no escritório ou na universidade. Universidades são burocráticas, isto é, formas racionais de organização do trabalho.

Qual é, então, a lógica que preside essa racionalidade produtiva? Critérios impessoais, portanto formais e altamente hierarquizados. Não há burocracias sem hierarquias. Burocratização é sinônimo de hierarquização, divisão e separação. O trabalho tem de ser necessariamente produtivo. O improdutivo é excluído e visto como anti-social.

A nossa forma de trabalhar é altamente burocratizada, hierarquizada, dividida. Esta forma de trabalhar, Marx a chamou modo de produção. A produção sempre existiu. A organização da produção também. O novo no modo de produção capitalista (modo é jeito) é que a razão se instrumentaliza para que a produção produza muito, produza exponencialmente.

Para que se produza muito, é necessário dividir o trabalho. Dividir em dois sentidos: afastar o trabalhador dos meios do trabalho pela propriedade; desapropriação que também se dá no plano intelectual, no qual a gerência encontra-se separada da execução. O nosso século vê nascer a Teoria Geral da Administração para tematizar a figura do gestor. O capitalista da época de Marx (dono e gerente ao mesmo tempo) não existe mais, nem o capital. Hoje a figura do gestor desponta como uma nova classe social ao lado do capitalista<sup>25</sup>; ele é um assalariado (os altos salários da sociedade de informações) e detém o saber sobre o processo do trabalho (por deter apenas o saber, diz-se ser ele um "pequeno" burguês). A classe dos acadêmicos, pode, por isso, ser toda ela chamada de pequena-burguesia. (O mais recente gerente de que se tem notícias é o gerente de recursos informacionais, alguém que domina a tecnologia de informação e a própria informação).

No prefácio de 1857, Marx escreveu o seguinte: "Nesta obra, o que tenho de analisar é a sociedade capitalista e os seus dois processos básicos: a produção e a circulação de mercadorias"<sup>26</sup>. Hoje, esses dois processos básicos da sociedade capitalista estão de tal forma interligados e é tal a velocidade de informações entre eles, que se chamou a essa sociedade

produtora de mercadorias sociedade de informações<sup>27</sup>.

A sociedade de informações de hoje em dia é dita, inclusive, sociedade inteligente, por causa da pós-graduação – sociedade pós-graduada, isto é, de gerentes. Pós-graduação, em qualquer área do conhecimento, é quase sinônimo de gerenciamento, não importa se gerência de produtos, processos, programas ou pessoas<sup>28</sup>.

Que bom se as políticas científicas dos países dependentes pudessem formar gestores (de recursos informacionais ou outros) nas áreas básicas da educação, habitação, transporte e alimentação, como é a proposta de Santos<sup>29</sup>. "Para atender a tal desafio, gerar-se-iam milhões de empregos de profissionais altamente qualificados, formados por um sistema educacional que seria, por sua vez, outro grande gerador de emprego. Isto fortaleceria uma enorme demanda interna capaz de ocupar todo o parque industrial existente e estimular, o desenvolvimento de uma tecnologia que, sem ser sofisticada, asseguraria a massa crítica de engenheiros, administradores, arquitetos, desenhistas industriais, que dariam a densidade necessária para um verdadeiro salto tecnológico no país".

O senso comum entende por burocrata o funcionário do correio, da biblioteca, das instituições públicas em geral, seja o ministro, o secretário de finanças, ou os consultores *ad hoc*. Não é descabida essa percepção, pois a burocracia, tal como a entendemos hoje, nasce com o Estado moderno. O Estado moderno, porém, nasce com o novo "modo de produção", até para dar sustentação ao modo. Por isso, burocracia é o ordenamento das relações sociais nos seus três processos principais: produção, distribuição e consumo. Produção regulamentada e normalizada, segundo a lógica universalizante de apropriação de mais valia relativa.

O que, então, tem a ver o burocrata com o intelectual?

O intelectual, como qualquer trabalhador do modo de produção capitalista, está também afastado dos meios do trabalho, não só à medida que laboratórios, bibliotecas e bases de dados são instituições, mas também por estarem as áreas do conhecimento permanentemente sujeitas à políticas científicas.

Como qualquer política está mediada na luta de classes, a liberdade do intelectual está condicionada à sua capacidade de organizar coletivamente a luta. Para o acadêmico, a luta é temática e metodológica. (Que problemas resolver e com que método?) Os programas estatais de apoio

ao desenvolvimento científico e tecnológico no mundo ocidental já sabem que temas apoiar. Temas que possam acelerar o giro do capital na permanente desvalorização das mercadorias – áreas de ponta, de alta tecnologia.

A hegemonia do positivismo, behaviorismo, pragmatismo e utilitarismo adiantam o método correto de conhecer. Resta ao intelectual sentar e publicar. Fará com maior liberdade de criação, quanto mais for consciente dos condicionamentos, quer temáticos, quer metodológicos. Isto é válido também para o intelectual não acadêmico. No jornal ou na TV, há temas e formas de discuti-los.

A indústria da informação faz com que "o capital nos apanhe das maneiras mais diversas: o autor escreve um valor de uso, cujo direito de reprodução cede ao editor; este o reproduz em milhares de exemplares com o fito preciso de auferir lucros, uma parte dos quais cede ao escritor. Sob este aspecto, cientistas e autor surgem como uma espécie de latifundiários ou de usuários, transferindo ao capitalista industrial o direito de explorar um monopólio"<sup>30</sup>.

É claro que "no mercado das idéias, a nota de rodapé é a unidade monetária"<sup>31</sup>. O discurso científico é afetado tanto na forma, quanto no conteúdo. "Os índices de citações estimulam uma erudição diferente e domesticada... (p.158) ...como qualquer estudo quantitativo de reputação, o índice é circular. Ele não mede a qualidade do trabalho, mas o impacto e as conexões. Se for utilizado para avaliar carreiras, as lições para o professor ambicioso são claras, lance uma rede ampla, estabeleça o máximo possível de reclamações mútuas, não se isole da corrente dominante. Por isso, compensa não apenas citar os outros em notas de rodapé, mas planejar a própria pesquisa de modo que ela se entrelace com as contribuições de outros; eles se referem a você, assim como você se refere a eles. Todos prosperam com os estudos açucarados" (p.159).

Mas a indústria da informação é antecedida por uma outra mais sutil ainda: a indústria do método! Leontif<sup>32</sup> chamou isto de "indústria de elaboração de modelos matemáticos". "Os economistas empregam cada vez mais modelos matemáticos complexos, não simplesmente porque estes poderiam esclarecer a realidade, mas porque facilitam a publicação". Jacoby aponta alguns exemplos de disciplina *soft* que sucumbiram à burocratização nos Estados Unidos, como a filosofia, ciência política, sociologia, história, economia e geografia. Os desvios vão desde a temática até o método.

É por isso que Ianni dizia que os intelectuais cosmopolitas tecem a idéia de mundo baseados nas possibilidades da razão instrumental. "Os estudos comparativos podem ser vistos simultaneamente como produto e condição da mundialização, processo que se acelerou muito desde a II Guerra Mundial ... o *boom* de estudos comparativos é tal, que dá a impressão de que tudo se compara comparativamente comparando; inclusive o incomparável... o empenho de ampliar conhecimentos e informações, localizar problemas, antecipar dilemas sociais e econômicos, políticos e culturais, produz uma avalanche de estudos comparativos de todo o tipo. Ao eleger fatores, variáveis, atributos, indicadores ou índices, muitos destes estudos se permitem fatos e situações bastante díspares, muitas vezes qualitativamente heterogêneas. Ao eleger indicadores como base empírica da pesquisa, a análise ou interpretação logo se torna secundária, irrelevante... Dissolvem-se o tempo e o espaço, as formas de sociabilidade e as culturas, o real e o imaginário... no empenho de abstrair, codificar, taquigrafar, provoca-se a dissolução do real"<sup>33</sup>.

A produtividade como fenômeno burocrático passa, portanto, pela institucionalização da criação e difusão do conhecimento.

A pesquisa científica está tão burocratizada, quanto a diversão, o balé e a arte. Cada uma destas instâncias tem dinâmica própria de produção e difusão. O comum em todas é a formalidade, impessoalidade e profissionalismo que caracterizam as burocracias modernas. É preciso ser um profissional para ser um intelectual. Conseqüentemente, a instituição se apropria do conhecimento criado pelo intelectual. O intelectual da universidade está tão burocratizado, quanto o pesquisador das novelas de TV (ou não se há de fazer pesquisa para as novelas de TV? A diferença é que, na TV, o pesquisador não precisa citar as fontes).

A produtividade, porém, permeia toda a indústria cultural. Indústria é isso. Não há indústria improdutiva. O cientista, o poeta, o pintor vão sempre criar para um público de pares. O número de pares, na ciência, é mais restrito, mas a exigência dos pares se coloca também para os demais produtos culturais. Quem lê, hoje, no Brasil, Clarice Lispector, não é um seu par? Ai do autor que produzir obra sem produzir público! Não há mais lugar no modo de produção capitalista para o diletante marginal à produção, distribuição e consumo.

A *Big Science* é também *Big Arte* e *Big Religion*. O pesquisador, o professor escolar, o cientista do laboratório, o crítico de arte, todos cumprem certos requisitos for-

mais impostos *pela instituição*. Daí a hierarquização, requisito indispensável da burocratização. O intelectual, hoje, tem de produzir. Diferentemente do diletante, o qual, mesmo sabendo ou conhecendo mais do que o intelectual da universidade ou da mídia, o diletante não é obrigado a produzir. Por exemplo, os eruditos em ópera ou obra de arte. Já os críticos de arte ou de ciência, esses têm de apresentar suas críticas ou revisões em revistas especializadas, acadêmicas ou não. A burocratização permeia as instituições, os conteúdos e os canais informacionais.

À medida que a produtividade é mensurada, ela se burocratiza no exato sentido de ser instrumento para ascensão dentro da hierarquia institucional. Daí a importância nos currículos acadêmicos das publicações, congressos e conferências.

### A CONTRADIÇÃO DA CIÊNCIA ENQUANTO CONHECIMENTO

O Estado institui a *Big Science* à medida que separa os cientistas por áreas de conhecimento, por departamentos e por instituições da ciência. A *Big Science* é, por isso, um fenômeno burocrático e, como tal, exige a divisão e separação - dispersão e fragmentação elevadas ao infinito<sup>34</sup>. Para uma área ascender na arena teórica popperiana, ela necessita existir de forma mais ou menos única. A fragmentação (especialização) é o único caminho, pois só assim diminui o número de competidores, facilitando a ascensão do especialista. A área de ciência política nos Estados Unidos, em seis anos, reconheceu oficialmente 33 novos subcampos<sup>35</sup>. Fragmentação e ascensão é o mesmo princípio do "dividir para reinar". Hiperespecialização é, portanto, superprodução,

É exatamente nesse sentido que Lyotard falou dos critérios técnicos de demarcação da ciência pós-moderna, a qual já não lida mais com a verdade, mas com o desempenho. Só viram temas de pesquisas aqueles temas que "funcionam" como foi a interpretação lyotardiana de Connor<sup>36</sup>, segundo a qual "funcionar melhor significa produzir mais pesquisas nas mesmas linhas e aumentar as oportunidades de mais incrementos; quer dizer, aumentar o desempenho e a produção operacional do sistema de conhecimento científico".

Ao mesmo tempo, a *Big Science* é um fenômeno desagregador, ela é também, contraditoriamente, elemento unificador, por intermédio, inclusive, de políticas científicas. Ao mesmo tempo em que o Estado divide o conhecimento, também o unifica nos projetos integrados, nas propostas interdisciplinares. É o "casa/separa". Dispersão e integração são simultâneos no in-

terior da construção científica e no interior das organizações.

Como resolver a super(produção) na ciência?

O fenômeno da superprodução na ciência gerou os estudos da produtividade científica; os estudos de produtividade apresentam-se como mais um instrumento de racionalização da ciência. Procura-se detectar a subprodução com a finalidade de evitá-la, dentro de uma sociedade superabundante. Produzir é preciso. Nem tanto pela máxima do *publish or perish*, até porque o mais comum é *publish and perish*. "Hoje em dia, é inteiramente possível publicar e parece, se a publicação não ocorrer nos periódicos certos com os editores certos e com críticas universalmente elogiosas"<sup>37</sup>.

Publica-se, por publicar. Produz-se, por produzir, em uma dinâmica que se consome bem menos do que se produz. Aliás, repetitividade e irrelevância são pressupostos da superprodução. O consumo não importa tanto à medida que ele insere apenas como novo *input* para nova produção.

A esquizofrenia da produção pela produção leva ao abandono da finalidade do trabalho universitário, que é formar o cidadão e a cidadania (tendo a pesquisa e a informação como pressuposto da formação), leva à superespecialização e, por último, leva ao impasse mais importante: medir o que não pode ser medido (não por falta de instrumental, mas por absoluta falta de interesse: o valor de uso, no capitalismo, não interessa).

"O capitalista industrial ... como capital personificado, ele produz por produzir, deseja enriquecer por enriquecer... se a superprodução do trabalhador é **produção para outros**, a produção do capitalista ... é produção pela produção... é, portanto, também, um produtor de superprodução, produção para outros"<sup>38</sup>.

Deve estar claro que a produção vira super, quando não é consumida. O desequilíbrio entre produção e consumo é a grande contradição do capitalismo: "...a venda de mercadorias é limitada não só pelas exigências de consumo da sociedade em geral, mas pelas exigências de consumo de uma sociedade na qual a maioria é pobre e deve continuar sempre pobre... A última causa de todas as crises continua sendo sempre a pobreza e o consumo limitado por parte das massas, em comparação com a tendência da produção capitalista de desenvolver as forças produtivas de tal modo, que somente o poder absoluto de consumo de toda a sociedade seja seu limite"<sup>39</sup>.

## A CONTRADIÇÃO DA CIÊNCIA ENQUANTO PRODUÇÃO

A contradição presente na expansão-acumulação do capital se reproduz também na produtividade científica. Entender a história da ciência como um processo cumulativo remete-nos à cumulatividade do processo produtivo geral.

A ciência tem desenvolvido muitos mitos, relatos e discursos que a vêem plenamente autônoma e cheia de inerências. Crescimento exponencial e saturação da ciência são exemplos de inerências, como se fosse próprio da ciência crescer exponencialmente e próprio da ciência parar de crescer exponencialmente. É e não é próprio. Conceder à ciência autonomia absoluta em que ela fica imune às externalidades do processo econômico acaba gerando contradições, pois, ao mesmo tempo em que a ciência desfila com Price na mocidade independente, ela também aparece como "fator de produção" na fala dos pós-industrialistas.

Price descobriu que de 1660 a 1960 a ciência cresceu exponencialmente. Chamou a esse período de adolescência da ciência. Todo adolescente cresce muito dos 12 aos 18 anos. Depois pára de crescer e estabiliza na vida adulta. Os três séculos passados representam, portanto, a adolescência da ciência. De 1960 para cá, a ciência entrou na maturidade. Nos últimos 30 ou 50 anos, a ciência tem crescido menos do que nos três séculos anteriores, tão somente porque ela já está grande.

Estabilizou-se, portanto, na super(produção). De 1660 a 1960, o crescimento foi exponencial. Agora é logístico. Afirmações que Price colocou na forma de leis – primeira lei: a ciência cresce exponencialmente; segunda lei: todo crescimento exponencial, quando saturado, torna-se logístico.

E agora? Para onde vamos? Para além da *Big Science*, há alguma solução para o fenômeno da super(produção) em ciência? A ciência fez ligações perigosas com o capital e ficou *beyond its own control*. O título do livro de Price mostra bem a preocupação do autor: *Little science, big science ...and beyond. Beyond control?*

É o alerta implícito na obra; porém, como todo positivista, Price é bastante otimista: "*saturation never implies death but rather that we have the beginning of new and exciting tactic for science*"<sup>40</sup>.

A contradição da ciência enquanto produção é que ela estabilizou-se na super(produção). Tal produção não vai a lugar nenhum, além dos lugares já postos

por ela mesma: a produção como um fim em si mesma. A saturação não surge como solução ao crescimento exponencial; ao contrário, ela é o resultado deste crescimento. Daí a subutilização da informação em todos os níveis: nas bibliotecas, nas bases de dados, nas editoras, nos jornais e na TV. Nada vai explodir<sup>41</sup>. Nem as bombas. Nem o conhecimento. A explosão bibliográfica não vai estourar. A ciência estabilizou-se no próprio caos documentário.

Price intuiu a superprodução e a interpretou nos quadros da modernidade a qual prevê o controle da produção como forma de evitar a superprodução. A pós-modernidade conserva a mesma lógica de acumulação do mundo industrial, mas muda radicalmente as estratégias de acumulação. De 1970 em diante, diz-se vivermos formas mais flexíveis de acumulação, baseadas em mais dispersão com estoques menores (economia de escopo, e não de escala; produção diversificada, e não em massa) e, o mais importante, rapidez, nos três processos sociais básicos de produção, distribuição/circulação e consumo.

Rapidez, muita rapidez. *Little science, big science ...and beyond* foi escrito em 1963. *O Capital* foi escrito em 1857. De um lado, a ciência; do outro, o capital. Price demonstrou que a ciência cresce, cresce muito, assustadoramente. Marx demonstrou que o capital cresce, cresce muito, assustadoramente, tanto que provoca crises de superacumulação.

A saturação da ciência é a própria crise de superacumulação de informações. Em qualquer dos casos, trata-se de superacumulação de mercadorias, ou de capital. Se capital e trabalho são os dois pólos contraditórios da sociedade capitalista, são também a sua identidade: o capital, seja qual for a sua forma, como dinheiro ou mercadorias ou meios de produção, o capital! é trabalho. E o trabalho é capital (a parte animada do capital)<sup>42</sup>.

A estrutura econômica do capitalismo pressupõe estoque de produtos e de pessoas. À medida que a propriedade é privada, os estoques se constituem, sejam estoques de conhecimento, de produtos ou de trabalhadores. Dizer que a ciência está saturada no seu crescimento é reconhecer que há estoque de conhecimentos que não podem se socializar. Não podem, porque são conhecimentos apropriados. A superacumulação é trabalho ocioso e capital ocioso – ociosidade dada pela impossibilidade de aplicação dos recursos em tarefas socialmente úteis (mesmo os tais recursos informacionais dos anos 90).

Contraditoriamente, esses conhecimentos também não podem ser acumulados *ad infinitum*. A acumulação pressupõe a distribuição e o consumo para exatamente manter o ciclo da acumulação.

O que Marx demonstrou é que o crescimento capitalista não pode ser um crescimento equilibrado e tende periodicamente a crises de superacumulação. A superacumulação não pode ser eliminada no capitalismo. Ela é administrada, contida ou absorvida. Como? Desvalorizando as mercadorias. Tanto as mercadorias-gente, quanto as mercadorias-máquina (inovação tecnológica é o recurso de desvalorizar bens de capital, máquinas e processos).

A desvalorização se expressa na obsolescência planejada das mercadorias. Precisa-se, a qualquer custo, acelerar o tempo de giro ou de circulação do capital. E nesse contexto que o setor de serviços cresce, pois a mercadoria-serviço (uma conferência, uma viagem) tem a duração de um piscar de olhos<sup>43</sup>.

Há aqui toda uma interpretação neoliberal para o crescimento da área de serviços que já tratamos em outro texto<sup>27</sup>, com a finalidade explícita de negar a classe trabalhadora como classe social em luta. Ficaria toda a população em uma mesma classe dominante - na sociedade de serviços - dos quais os serviços informacionais (lê-se de pesquisa, financeiros e mercadológicos) seriam os mais nobres. Sociedade de informações, pois! "Que a exploração passe a tornar alvo preferencial o aspecto mental da atividade produtiva constitui, sem dúvida, uma remodelação profunda nas condições de existência da classe trabalhadora, quero dizer, na sua orgânica interna e no modo específico de relacionamento com os capitalistas. Mas esta reorganização não significa o estágio no aprofundamento intensivo do processo de proletarianização. A vertente intelectual da atividade produtiva surge aos capitalistas como um campo ilimitado para crescer a complexidade do trabalho e, portanto, para expandir e acelerar os mecanismos de mais-valia relativa<sup>44</sup>.

## PRODUTIVIDADE E A CRISE CONTEMPORÂNEA: MACROINTERPRETAÇÕES

Price analisou o crescimento da ciência no interior dela mesma, e qualquer relacionamento com quaisquer outras variáveis externas tê-lo demonstrar que o crescimento da ciência era independente de tudo e de todos. Aí ele foi o autor mais positivista do século. Não importa. As suas descobertas foram muito importantes. Outros vieram contextualizar o fenômeno, aliás, mais complexo do que mostram os indicadores de Price.

Surgiram, já na década de 70, várias macrointerpretações que têm se desenvolvido até agora.

De um lado, temos uma concepção liberal-burguesa, cujo fio condutor é o idealismo filosófico entendido como interpretação descritiva dos fatos. Assim, Bell, D.<sup>45</sup> intui uma nova sociedade caracterizada já não mais pela produção industrial, senão pelo deslocamento da economia à área de serviços em que o setor informacional carrearía todos os demais setores. Igualmente é a posição de Naisbitt em *Megatendências*<sup>46</sup>. Há também o físico Capra<sup>47</sup>, o qual focaliza essa mudança no deslocamento da cosmovisão newtoniana, mecanicista e masculina para uma visão einsteniana, relativista e feminina. O idealismo de Capra está na força dos pontos de vista para impor esse ou aquele ponto de mutação. Ainda na visão liberal, há Fukuyama, para quem a humanidade alcançou o seu estágio final no Estado neoliberal<sup>48</sup>. *É o fim da história* na concepção de que a humanidade não tem mais nada a procurar. O Estado neoliberal seria assim a expressão máxima e completa da humanidade.

Do outro lado, estão as análises marxistas heterodoxas (o ortodoxismo nem mesmo se deu conta do fenômeno). Assim temos Lyotard, um dos primeiros a tematizar a pós-modernidade como um novo período histórico\* em que a ciência se converte em força produtiva<sup>49</sup>. Schaff interpreta a passagem para a nova sociedade como a passagem para a abundância na plena automatização da sociedade<sup>50</sup>. Com efeito, o otimismo de Schaff precisa ser relativizado na obra de Santos, que aí sim reconhece a impossibilidade de automação plena em relações capitalistas da produção social<sup>51</sup>.

\*O pioneiro a tematizar a pós-modernidade como um período histórico foi Gilberto Freyre com sua obra *Além do pós-moderno* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1973), anterior à edição francesa de *La condition post-moderne*, que é de 1979.

Agora é possível reunir Santos e Schaff na conclusão mais importante de ambos: estamos diante de um novo modo de produção. Aqui a contribuição de Oliveira<sup>52</sup> é decisiva: no novo "modo social democrata de produção" o "antivalor" ou a "antimercadoria" é dada pelo padrão de financiamento público (financiamento em ciência e tecnologia, por exemplo). O fundo público que é uma antimercadoria sustenta o processo de valorização do valor. Em outras palavras, o Estado Providência, invenção capitalista, coloca as bases de destruição do velho e triunfante modo capitalista de produção. Já Marx, nos textos da juventude, descartava todos os idealismos dos pontos de mutação, dizendo que o socialismo não era uma antevisão de uma sociedade sonhada ou desejada por reformistas ou intelectuais radicais, nem um "estado que deva ser implantado, ou um ideal ao qual a realidade tenha de sujeitar-se"<sup>53</sup>. Era nada mais que o desenvolvimento das contradições entre o capital e o trabalho.

Ainda entre os heterodoxos, destaca-se a análise niilista de Baudrillard, ao fazer a síntese da nossa época: época do "trans"; transeconomia, transpolítica, transexual e transestética. Em uma palavra: transinformação. Trânsito. Passagem. Para Baudrillard, o nosso mundo fica por aqui mesmo, sem um estágio posterior. Resta a circulação, as redes de comutação, o tráfego de informações: "o excesso de conhecimento dispersa-se indiferentemente na superfície em todas as direções, mas ele só comuta"<sup>54</sup>. Daí o niilismo da produção pela produção.

Essa esquizofrenia da produção pela produção é o que leva o Japão hoje produzir por produzir, já que não se trata mais de produzir para enriquecer, senão para manter a saturação dos mercados. Leva o México, ser cooptado na aliança Estados Unidos-Canadá; leva Portugal, Espanha e Grécia, receberem investimentos maciços da comunidade européia.

A globalização inicia agora o seu processo homogeneizador. O quarto mundo não existe. Existe o pós-mundo. O mundo do "trans", a aldeia global, a internação. Quiçá, um novo modo de produção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
2. GIANNOTTI, J.A. *Origens da dialética do trabalho*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1986. p. 10.
3. CHAUI, M. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 1992, Caderno 6-15.
4. MARX, K. *O capital*. São Paulo, Difel, 1982. v.1., 1.1 p.86.
5. LOWY, M. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. p.9-34.
6. SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
7. SAVIANI, D. Competência política e compromisso técnico. *Educação e Sociedade*, v.5, n.15, p.111-143, 1983.
8. GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
9. ----- Idem p.6.
10. SAVIANI, D. Onze teses sobre educação e política. In: — . *Escola e democracia*. São Paulo, Cortez, 1983. p.85-95.
11. MORAES, L.S. *O modelo e a prática na produção intelectual da Universidade Federal de São Carlos: uma história de muitas vidas*. Campinas, Puccamp, 1992 [dissertação de mestrado].
12. JACOBY, R. *Os últimos intelectuais*. São Paulo, Edusp, 1990.
13. ----- . Idem p.19.
14. ----- . Idem p.247,
15. COUTINHO, C.N. *Cultura e sociedade no Brasil*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990, p. 17.
16. PRICE, D.S. Prologue to a science of science, In: ----- . *Little science, big science... and beyond*. Columbia University Press, 1986.
17. ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa, Editorial Presença, s/d.
18. GRAMSCI, A. Idem, p.12
19. IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992, p.96.
20. PECAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre povo e nação*. São Paulo, Ática, 1990.
21. IANNI, O. *Ensaio de sociologia da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
22. ----- . *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
23. GONZALES, H. *O que são os intelectuais*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
24. JACOBY, R. Idem p.20.
25. BERNARDO, J. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo, Cortez, 1981, p.202.
26. MARX, K. Idem p.5.
27. MOSTAFA, S.P. *Sociedade de informações: sociedade de balcões*. 20p. (prelo).
28. ----- . *Balcão de informações: o mercado emergente*. (Projeto de pesquisa, 10p.).
29. SANTOS, Th. *Democracia e socialismo no capitalismo dependente*. Petrópolis, Vozes, 1991.p.68.
30. GIANNOTTI, J.A. Conferência. In: ----- . *Exercício de filosofia*. São Paulo, Brasiliense, 1977.
31. JACOBY, R. Idem p. 159.
32. LEONFIT apud JACOBY, R. Idem, p. 172.
33. IANNI, O. *A sociedade global*. Idem, p.98.
34. MOSTAFA, S.P., MURGUIA, E. *O segredo a informação e a cidadania*. São Paulo, SBPC, 44ª Reunião anual, 12-17 julho. São Paulo, USP, 1992.
35. JACOBY, R. Idem p.169.
36. CONNOR, S. *Cultura pós-moderna: introdução as teorias do contemporâneo*. São Paulo, Loyola, 1992. p.33.
37. JACOBY, R. Idem, p. 171.
38. MARX, K. apud SWEEZY, P. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. São Paulo, Nova Cultural, 1986 (Coleção "Os Economistas"), p. 143.
39. MARX, K. apud SWEEZY, P. Idem p. 143.
40. PRICE, D.S. Idem, p.29.
41. BAUDRILLARD, J.. *A transparência do mal*. Campinas, Papirus, 1992. p.34.
42. MOSTAFA, S.P. *Sociedade de informação: sociedade do trabalho*. 20p. (prelo).
43. HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992. p.149.
44. BERNARDO, J. Idem, p.305.
45. BELL, D. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo, Cultrix, 1973.
46. NAISBITT, J. *Mega trends 2000*. São Paulo, Amaná-Key, 1990.
47. CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.
48. FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
49. LYOTARD, J.F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
50. SCHAFF, A. *A sociedade informática*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
51. SANTOS, Th. *Revolução científico-tecnológica e a acumulação de capital*. Petrópolis, Vozes, 1987. p.195.
52. OLIVEIRA, F. O surgimento do anti-valor. *Novos estudos Cebrap*, n.22, p.8-28,1988.
53. MARX, K.. *La ideologia alemana*. Barcelona, Gri galho, 1974, p. 19 e 39.
54. BAUDRILLARD, J. Idem, p. 18.

Artigo aceito para publicação em 28 de julho de 1993.

### Solange Puntel Mostafa

Professora do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

### Eduardo Ismael Murguia Maranon

Doutorando da Universidade de Campinas (Unicamp), Faculdade de Educação.

## Intellectuals and their productivity

### Abstract

*Intellectual workers are analysed in a sociology of science perspective. Science productivity with its two phenomena — exponential growth and saturation are seen as bureaucratic phenomena of post-modernity in its infra-structure aspects of production, circulation and consumption.*

### Key words

*Productivity; Post-modernity; Sociology of science; Intellectual workers.*